



O FEMININO NA IDADE MÉDIA, SEU LUGAR NA HISTORIOGRAFIA E A HERANÇA PARA A CONTEMPORANEIDADE.

Gabriela Maria Teodósio¹
Halberys Moraes de Holanda²

RESUMO

O presente trabalho visa falar sobre a visão misógina e sexista que as mulheres sofriram durante a Idade Média frutos de uma continuação de práticas já anteriores realizadas em sociedade antigas e que encontraram solo fértil para manutenção destas no Medievo, chegando à contemporaneidade com outros arranjos opressores. Diante disso, analisaremos como a Igreja Católica propagou para o imaginário popular que a mulher era disseminadora de pecado e veiculadora do mal. Discutiremos também uma relação com o contemporâneo, através de relatos de vivências ocorridas no Templo de Salomão e através do caso da menina de dez anos que sofreu abuso sexual por anos e que veio para Recife realizar o aborto, onde conseguimos visualizar que a Igreja ainda hoje possui uma visão machista, que regula práticas de manutenção quanto ao corpo feminino, pautando divisões não igualitárias de direitos, corroborando mais uma vez a um corpo sem autonomia. Portanto, compreendemos que pelo Feminismo ser um movimento de liberdade e que está para garantir uma relação de equidade entre mulheres e homens, onde não visa à sobreposição entre os sujeitos valendo-se de uma hierarquização ou diferenciação biológica, faz parte da constituição deste trabalho localizar sujeitos, falas e práticas para que haja uma maior reflexão do tema, contribuindo assim, nos estudos de gênero e educação da herança feminina para a contemporaneidade.

Palavras-chave: Gênero, Opressão, Historiografia, Idade Média.

INTRODUÇÃO

O protagonismo quase exclusivo dos homens na escrita da história manteve-se durante muito tempo. Sobre tal questão, Perrot nos informa que há abundância em discursos sobre as mulheres, mas que na maioria eles são feitos por homens, ignorando o ponto de vista das mulheres. Esse modelo de escrita da história fez com que as mulheres muitas vezes tivessem sua importância ignorada, parte dessa ausência é

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em História da Universidade de Pernambuco - UPE,
gabriela.teodosio@upe.br;

² Graduando do Curso de Licenciatura em História da Universidade de Pernambuco - UPE,
halberysmoraisholanda@gmail.com;



explicada pelo fato de: “Para escrever a história, são necessárias fontes, documentos, vestígios. E isso é uma dificuldade quando se trata da história das mulheres. Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios, desfeitos, seus arquivos, destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígios.” (PERROT, 2007, p. 21).

A Idade Média foi um período de intensa misoginia, “todos os relatos que chegam até mim e me informam vêm dos homens, convencidos da superioridade de seu sexo. Só as vozes deles chegaram a mim” (DUBY, 1989, p.6). Esse relato do medievalista Georges Duby retrata como a ausência de fontes escritas por mulheres, gera uma historiografia que por muito tempo retratava apenas o masculino.

Neste sentido, as construções sociais baseadas no patriarcado que foram tão difundidas nas sociedades Antigas e Medievais, é possível enxergarmos hoje resquícios desta prática em nossa sociedade. Dentro deste contexto, Bell Hooks nos diz “fomos socializadas pelo pensamento patriarcal para enxergar a nós mesmas como pessoas inferiores aos homens, para nos ver, sempre e somente, competindo umas com as outras pela aprovação patriarcal, para olhar umas às outras com inveja, medo e ódio”. (HOOKS, 2018, p.29).

Diante disso, o presente trabalho visa falar sobre as mulheres durante a Idade Média, as várias opressões enfrentadas por elas, através da análise do poder da Igreja para ditar as regras da sociedade medieval. Ao analisarmos notícias do ano de 2019 e 2020 podemos verificar como a sociedade ainda hoje se apropria da religião a fim de determinar os parâmetros comportamentais.

Embora as mulheres tenham sido incluídas na História mais amplamente após a segunda metade do século XX, ainda hoje vivemos em uma sociedade machista, onde falar sobre gênero é um tabu, por isso a importância desses debates serem inseridos no ambiente escolar, a fim de que as crianças/adolescentes se tornem indivíduos críticos e ajudem a desconstruir esse ciclo de desigualdade.

METODOLOGIA

Historicamente as mulheres ocuparam lugares na história enquanto seres servis e ligadas a reprodução. Evidenciando um não espaço para suas próprias questões e lutas,



no qual somente na metade do século XX é que vamos ter uma mudança dos estudos produzidos na época, estabelecendo uma quebra dos conceitos formulados, existindo assim, uma História das Mulheres e enxergando sua participação ao longo da História em que sempre ocorreu seja nos campos de batalhas ou em cargos públicos. Dentro desse contexto, Kalina Vanderlei nos ajuda afirmando, "são as mudanças de mentalidades produzidas por questões políticas bem atuais que vão criando novas possibilidades para os historiadores empreenderem revisões nos estudos (...) em um processo de reescrita que procura entender tanto as estruturas sociais, políticas e econômicas quanto às imagens e os discursos construídos". (SILVA, 2017, p.8).

Diante de uma necessidade em investigar o passado para compreender o presente buscando encontrar como esses sistemas opressores se estruturaram na Idade Média, temos a Igreja Católica como uma grande contribuinte para a regulamentação de ideais e práticas contra as mulheres, onde o século XV foi um marco da demonização e caça as bruxas. Em que cria-se o Tribunal do Santo Ofício responsável pela ordem e condenação das más práticas. Segundo Michelle Perrot,

"encomendada pela Inquisição, pretendia, ao mesmo tempo, descrever as feiticeiras e suas práticas e dizer o que convinha pensar sobre elas. E devia-se pensar o pior, o que justificava sua condenação ao fogo purificador. Elas foram maciçamente presas e queimadas, principalmente na Alemanha, na Suíça e no leste da França atual (Lorena, Franche-Comté), mas também na Itália e na Espanha. Estima-se em cem mil o número das vítimas, sendo 90% de mulheres. A onda de repressão, iniciada ao final do século xv, e da qual Joana d'Arc, de certo modo, foi vítima, exacerbou-se nos séculos xvi e xvii". (PERROT, 2007, p.89)

A Igreja Católica difunde um imaginário social ligado às mulheres, a demonização, onde elas levariam a fraqueza aos homens e iriam acarretar o desvirtuamento da Igreja. Como instituição de grande poder social, a Igreja utiliza a figura de Eva, de acordo com o texto bíblico do Pecado Original, para alegar que o pecado cometido pela mesma refletia em todas as mulheres, sendo elas diretamente atreladas as tentações e disseminadoras do mal. Onde William de Souza Martins (2011, p. 36-37) nos traz a partir da obra do padre Manuel Bernardes,

"O que é a mulher?/ Naufrágio em terra. /Fonte do mal./ Tesouro de impureza de malícia. /Companhia mortífera. /Ruína dos olhos. /Morte das almas. /Flecha no coração. /Perdição dos jovens. / Cetro do inferno. / Mestra da concupiscência. /Causa diaboli. /Repouso da serpente. /Consolo do diabo. /Dor inconsolável. /Caminho de fogo. /Malícia incurável. /Ofensa dos que se salvam. /Amor vergonhoso./Besta impudente./Ímpeto sumamente imoderado. /Violadora dos mais sublimes segredos. /Triunfo das trevas./Inspiradora de crimes. /Mestra do prazer. /Conselheira do suplício eterno. /Prudência



terrena. /Cegueira do homem. /Pugna voluntária. /Calamidade quotidiana./Naufrágio do homem. /Arma do diabo. /Entretenimento diurno. /Hospedagem dos lascivos. /Serpente vestida. /Tempestade doméstica./Monstro selvagem. /Albergue de adúlteros. /Loucura desejada. /Morte adornada. /Escola de demônios. (MARTINS, 2011, p. 36-37 apud BERNARDES, 1974, p. 256-257)

Como forma de preservar os homens dos poderes persuasivos das mulheres, cria-se o resguardo do corpo feminino evidenciando a virgindade e uma valorização da castidade, para não infligir os valores cristãos. Na procura de um novo ideal de mulher a ser seguido a Igreja utiliza a figura de Maria, a mãe de Jesus Cristo, esposa e virgem, como referencial a ser seguido.

Os clérigos incentivavam que as mulheres buscassem uma vida de castidade ou caso escolhessem o matrimônio, que se mantivessem puras até o casamento. Nesta época os homens eram considerados donos das mulheres, elas permaneciam sob custódia do pai ou sob custódia do marido.

Parece verossímil que uma das razões para a criação dos mosteiros tenha sido a intenção de manter reclusas as mulheres que não estavam destinadas ao matrimônio, era nesse ambiente onde as mulheres longe do controle familiar podiam administrar seus patrimônios.

“A comunidade de religiosas está formada exclusivamente por mulheres da nobreza, onde o dote exerce um papel fundamental: garantir a elitização dos mosteiros. Dentro dos muros conventuais estas mulheres não encontraram dificuldades para seguir gerenciando seus patrimônios pessoais e podemos afirmar que, neste sentido, os mosteiros revelaram-se como lugares especialmente atrativos. (NASCIMENTO, 1997, p.88).

Para os estudiosos, o objetivo da clausura era defender duas virtudes femininas: a virgindade e a castidade. Porém somente após a segunda metade do séc. XIII se inicia um avanço progressivo “da tutela masculina sobre as monjas cistercienses. Este processo está repleto de episódios conflituosos, que refletem a resistência destas mulheres em se submeter ao controle dos abades da Ordem.” (NASCIMENTO, 1997, p.90).

Apesar das mulheres terem alcançado cada vez mais espaço na sociedade, ainda hoje a religião é utilizada como instrumento de controle a fim de ditar como as mulheres devem se comportar. De acordo com a reportagem escrita por Dip, Dolce, Maciel, para o site da Agência Pública de Jornalismo Investigativo, publicada no ano de 2019, as jornalistas descrevem como dentro da Igreja Universal, especificamente no Templo de



Salomão ocorrem inúmeras palestras e cursos direcionados para as mulheres, onde nesses espaços as mulheres são responsáveis por ocasionarem o bem estar do marido antes de si mesmas, para as mulheres solteiras é disseminada a ideia que essas são noivas de Jesus, dentre outras práticas que buscam ditar todas as regras a serem obedecidas pela mulher. Uma das professoras do Curso de Autoconhecimento do Projeto Raabe, criado para auxiliar mulheres que sofreram os mais variados traumas, cita o livro bíblico de Efésios 5:22-24: “Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor; porque o marido é a cabeça da mulher”. E conclui, imperativa: “Mude sua referência de mulher, seja melhor!” a partir desse exemplo podemos concluir que a prática de usar a religião para colocar a mulher em papel de inferioridade e propagadora do mal não acabou com o Medievo, mas se perpetua até os dias atuais.

O caso mais recente que gostaríamos de abordar foi relatado no site do Jornal do Comércio, do estado de Pernambuco, trata-se da menina de dez anos que foi estuprada pelo próprio tio durante quatro anos, a vítima após os recorrentes abusos, engravidou e teve o aborto autorizado pelo juiz, já que o aborto em caso de gravidez decorrente de estupro é autorizado no Brasil. Após ter o pedido de aborto negado no estado do Espírito Santo pela equipe médica, a menina foi trazida para a cidade do Recife para realizar o procedimento no CISAM – UPE, onde o procedimento ocorreu no dia 16 de agosto de 2020. Uma multidão de pessoas se reuniu em frente ao hospital para tentar barrar o procedimento, entre essas pessoas estavam deputadas/os, vereadoras/es, integrantes da igreja católica e evangélica.

Como a construção da História fez com que por muito tempo as mulheres fossem imaginadas, representadas ao invés de serem descritas, isso levou ao que alega Perrot ao silêncio mais profundo, o silêncio do relato. Em relação aos relatos dos primeiros historiadores gregos e romanos Perrot nos alerta que a historiografia aborda o

“Espaço público: as guerras, os reinados, os homens "ilustres", ou então os "homens públicos". O mesmo ocorre com as crônicas medievais e as vidas de santos: fala-se mais de santos do que de santas. Além disso, os santos agem, evangelizam, viajam. As mulheres preservam sua virgindade e rezam. Ou alcançam a glória do martírio, que é uma honra suntuosa.” (PERROT, 2007, p.17-18).

Em meio a toda essa invisibilização que se estabelecia neste período, não podemos deixar de destacar figuras femininas que fugiram deste lugar de subalternidade, que desenvolveram ideias, lutas e seus desejos através da poesia,



pintura, literatura, filosofia, realeza e da vida religiosa, desempenhando papéis de destaque para História. Mesmo com essa defasagem de documentação acerca das mulheres, a partir da Nova História as/os medievalistas cada vez mais se dedicam em estudos a cerca das mulheres e de seus impactos na sociedade medieval.

As mulheres que compunham os mosteiros, por exemplo, era composta boa parte por aquelas que não queriam se casar e optavam em ir para os mosteiros se dedicar a ordem religiosa da Igreja, contudo a intenção também estava para o intelectual, gerando assim o estudo e sua integração à sociedade.

Ao longo da História temos mulheres que ocuparam o cargo de reinado de seus maridos, por eles terem ido para a guerra ou quando morriam e seus filhos eram pequenos, neste caso a esposa sucedia o posto até a maioridade dos filhos. Desempenhando assim, uma quebra das estruturas formadas que levava em consideração o poder somente aos homens.

Outro aspecto que também conseguimos enxergar é o casamento, na sociedade medieval e em civilizações anteriores a este período, o casamento é parte integrante desta misoginia, dispondo aos homens uma forte arma utilizada para silenciamento e exclusão da mulher na sociedade. Quando uma mulher torna-se esposa ela ganha um status de propriedade do seu cônjuge. A ideia de inferioridade por ser mulher é explicitamente atribuída ao matrimônio.

Um ponto característico e que foi retirado das mulheres foi o acesso ao saber, seguindo a lógica de que homens estão para ciência e razão e as mulheres a emoção. Levando a uma justificativa que Perrot chama "o saber é contrário à feminilidade" (PERROT, 2007, p.91). Os homens, por serem os representantes de Deus na terra, ganham o título de detentores do conhecimento o que garantia esse poder sobre todos. A partir de uma hierarquização que a igreja constrói apontando o acesso a este saber dividindo quem seriam esses leitores. Como nos afirma Rousseau, "toda a educação das mulheres deve ser relativa aos homens. Agradá-los, ser-lhes úteis, fazer-se amar e honrar por eles, criá-los, cuidar deles depois de crescidos, aconselhá-los, consolá-los, tornar-lhes a vida agradável e suave: eis os deveres das mulheres em todos os tempos, e o que se deve ensinar-lhes desde a infância" (PERROT apud ROUSSEAU, 2007, p.92).



Através destes apontamentos é possível analisar como hoje é notável dentro das relações sejam elas familiares, conjugais, empregatícias ou qualquer outra, encontrar a opressão sexista as mulheres e de como ao longo dos séculos as lutas foram travadas para que ocorra a libertação dessas amarras.

E por isso, o Feminismo é um movimento "para acabar com o sexismo, exploração sexista e a opressão". (HOOKS, 2018, p.13). Sendo necessário pontuar o quanto a luta do Feminismo é importante para termos mais do que igualdade de gênero, mas que se alcance a equidade entre os gêneros, combatendo o discurso de que o movimento feminista é um movimento anti-homem.

REFERENCIAL TEÓRICO

O período medieval assentou muitas raízes sobre o imaginário feminino na sociedade e que, desde então, perpetuam características que são importantes desconstruir como aspectos do machismo e do sexismo. Estes são elementos estruturantes e que ao serem perpetuados de geração em geração multiplicam os discursos defendidos em cima da biologia dos sexos que criam ferramentas de diferenciação e emergem as relações de poder sobre o corpo feminino.

A definição de gênero considerada neste trabalho enxerga gênero como “uma categoria relacional, ou seja, gênero é entendido como o estudo das relações sociais entre homens e mulheres, e como essas relações são organizadas em diferentes sociedades, épocas e culturas” (SILVA e SILVA, 2009, p.166). Ao entender gênero como uma categoria relacional e mutável dentro das sociedades é necessário fornecer as/os estudantes um olhar que analise como o feminino e o masculino foram e são representados nas sociedades (PINSKY, 2018).

Quando observamos os espaços que homens e mulheres configuravam na divisão da sociedade, é possível analisar as separações bem definidas pelos gêneros atribuídos. Enquanto as mulheres estavam para os afazeres domésticos e cuidados aos filhos, os homens viviam livres e desempenhavam funções nas feiras. Não havendo de forma corriqueira espaço para as mulheres na sociedade em questões políticas e cargos. Espaços estes reservados só para os homens. Em que segundo Michelle Perrot, a "vida



das camponesas era regradada pela da família e dos ritmos dos campos. Numa rígida divisão de papéis, tarefas e espaços. Para o homem, o trabalho da terra e as transações do mercado. Para a mulher, a casa, a criação de animais, o galinheiro e a horta". (PERROT, 2007, p.111).

Existe uma necessidade de atribuições ligadas ao feminino, mas que é totalmente diferente para os homens. Funções que vão desde os serviços domésticos a forma de ser portar. Simone de Beauvoir nos fala, "não se nasce mulher, se transforma mulher" (BEAUVOIR, 1967, p.9). Muito se tem a ideia de um determinismo biológico, e que com essa informação há um binarismo do feminino e masculino. Porém, Judith Butler vai dizer "as relações de gênero são construções culturais". (BUTLER, 2015, p.26) Desta forma, vamos ver que é a partir das relações culturais que vamos ter indivíduos com sua forma de falar, ser e agir. Não ligado a fatores biológicos que vão justificar suas ações.

Concordamos com a historiadora Joan Scott quando a mesma alega que deve haver preocupação nas relações entre homens e mulheres para que estes indivíduos não sejam analisados de forma separada. Pois, "o tratamento em separado das mulheres podia servir para confirmar sua relação marginal e particularizada em relação aos temas (masculinos) já estabelecidos como dominantes e universais." (SCOTT, 1994, p. 15).

Verificamos que tal submissão ao sexo masculino fez com que essas mulheres não tivessem voz, "são sempre os homens que falam delas" (DUBY, 1993, p.151), elas perderam a oportunidade de falar sobre elas mesmas. Duby nos justifica a questão do atraso em relação às pesquisas sobre as mulheres, no período medieval, devido à falta de documentações específicas a cerca das mulheres e por boa parte dos materiais disponíveis terem sido distorcidos pelos homens medievais, já que os indivíduos capacitados a escrita eram homens e na maioria dos casos, religiosos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desta forma, podemos identificar hoje a permanência de algumas práticas opressoras que antecederam a Idade Média e outras que foram disseminadas durante o Medievo ganhando significados e tons ao longo dos séculos, e na contemporaneidade



encontra também criações de arranjos opressores, porém há uma necessidade de cessar essas perpetuações. Pois é incutido desde muito cedo às mulheres à normatização e aceitação dessas práticas, bem como aos homens a sua reprodução. Tendo em vista o seguinte pensamento de Bell Hooks, "temos sido socializados desde o nascimento para aceitar pensamentos e ações sexistas". (HOOKS, 2018, p.13).

Portanto, entender o passado e a criação de ferramentas opressoras contra as mulheres em que as invisibilizavam e a destituíam de possuir uma história, é entender os papéis sociais que cada pessoa exerce na sociedade. Havendo a necessidade de repensar esses modelos estruturantes e ter uma desconstrução dos atos e falas. Pois, a História foi escrita a partir de exclusões e as mulheres foram um desses grupos que foram apagadas por séculos. Atualmente podemos verificar diversos trabalhos recentes de profissionais da História que têm resgatado essas mulheres do silenciamento, além disso, as produções midiáticas contemporâneas mesmo que não possuam comprometimento com a verdade acaba por retratar elementos e narrativas da História Medieval, fazendo com que esses aspectos sejam assimilados a consciência histórica deste período. O exemplo de um filme ambientado na Idade Média é o filme Valente, do ano de 2012, sendo o primeiro filme da Pixar onde uma mulher é protagonista, personagem nomeada de Merida, obra que retrata como a protagonista luta contra as amarras impostas ao sexo feminino, mesmo não sendo uma personagem real, a ficção nos mostra como algumas mulheres lutaram pelos seus interesses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de uma necessidade em investigar o passado para compreender o presente, infelizmente séculos após o fim da Idade Média ainda podemos ver como uma parcela da sociedade propaga através das religiões o que as mulheres podem ou não fazer com seus corpos. Desta forma, compreender os arranjos opressores que invisibilizam as mulheres de suas próprias Histórias, é ir na contramão do que foi construído, tentando identificar seus nomes, estudos, invenções e participações como sujeitos partícipes desta mesma História, na busca de uma escrita historiográfica que não apague e exclua suas histórias valendo-se da diferenciação biológica entre os sexos, mas que desconstrua e identifique pensamentos machistas e misóginos . Apontando



assim, a herança feminina para a humanidade. Portanto, vemos na área do medievalismo uma oportunidade para debatermos os problemas sociais enfrentados no Medievo e que ainda estão presentes na contemporaneidade, a fim de perceber as mudanças que ocorreram nesses períodos e levantar o debate sobre as várias nuances dentro da temática de gênero.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. O Segundo Sexo. Tradução de Sérgio Milliet. 4.ed. São Paulo: **Difusão Européia**, 1967.

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: Feminismo e subversão de identidade. Tradução de Renato Aguiar. 8a ed. Rio de Janeiro: **Civilização Brasileira**, 2015.

DIP, Andrea; DOLCE, Julia; e MACIEL, Alice. **Mulheres virtuosas**. Pública - Agência de Jornalismo Investigativo, 21 de maio de 2019. Disponível em: <<https://apublica.org/2019/05/mulheres-virtuosas/>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

DUBY, Georges. Idade Média, Idade dos homens. Do amor a outros ensaios. Tradução de J. Batista Neto. São Paulo: **Companhia de Letras**, 1989.

DUBY, Georges. A história continua. Rio de Janeiro: **Jorge Zahar Editor**, Ed. UFRJ, 1993.

HOOKS, Bell. O Feminismo é para todo mundo. 1º Edição. Rio de Janeiro: **Rosa dos Tempos**, 2018.

JORNAL DO COMÉRCIO. **Confusão envolvendo aborto em criança de dez anos no Recife repercute no Brasil**. 16 de agosto de 2020. Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/pernambuco/2020/08/11963471-confusao-envolvendo->



[aborto-em-crianca-de-dez-anos-no-recife-repercute-no-brasil.html](#)>. Acesso em: 16 ago. 2020.

Martins, William de Souza. “Representações Femininas Na Obra Do Padre Manuel Bernardes (1644-1710)”. **Locus: Revista De História**, Juiz de Fora, v.17, n. 2, p. 35 – 55, 2011.

NASCIMENTO, Maria Filomena Dias. Ser Mulher na Idade Média. **Textos de História**, Brasília, v. 5, p. 82-91, 1997.

PERROT, Michelle. Minha história das mulheres. Tradução de Angela M. S. Côrrea. São Paulo: **Contexto**, 2007.

PINSKY, Carla Bassanezi. Gênero. In: PINSKY, Carla B. (Org.). Novos temas nas aulas de História. São Paulo: **Contexto**, 2018. p. 29-54.

SCOTT, Joan W. Preface a gender and politics of history. **Cadernos Pagu**, nº. 3, Campinas/SP 1994.

SILVA, Kalina Vanderlei. História do Brasil I. NEAD - Núcleo de Educação a Distância, Universidade de Pernambuco. Recife- PE. Edição 2017.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. Gênero. In.: SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. (Org.). Dicionário de conceitos históricos. 2 e.d., 2 reimpressão. São Paulo: **Contexto**, 2009, p. 166-169.